

**RELATO DE EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA
O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA:
DAS NORMAS AO CONTEXTO**

Hiliana de Carvalho Monteiro (UEMS)

hiliaramonteiro@gmail.com

Adriana Lúcia Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Fábio Dobash Furuzato (UEMS)

fabiodf71@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo a seguir vem relatar sobre uma experiência proposta aos alunos do 8º ano D do ensino fundamental, da Escola Estadual "Irene Gomes de Campos", em Várzea Grande – MT, trabalhando a atividade lúdica: “Soletrando”, com base na leitura da crônica: "o soluço já foi solucionado?", do autor Mário Prata, para se ensinar o processo de formação de palavras por derivação em estudos realizados a partir da gramática reflexiva. Teve-se por base teórica os autores Maria Elena Neves, Luís Carlos Travaglia, João Wanderley Geraldi, Irandé C. Antunes, Marlene Carvalho, William Cereja e Thereza C. Magalhães, a fim de refletirmos sobre essa forma de se ensinar gramática, ajudando professores a ensinar língua portuguesa de maneira dinâmica e interativa.

Palavras-chave: Ensino de gramática. Normas. Contextos. Sala de aula.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é relatar uma experiência proposta aos alunos do 8º ano D do ensino fundamental, da Escola Estadual "Irene Gomes de Campos", em Várzea Grande – MT, trabalhando a atividade lúdica: “Soletrando” para se ensinar o processo de formação de palavras por derivação, com base na leitura da crônica: "o soluço já foi solucionado?", do autor Mário Prata para se ensinar o processo de formação de palavras por derivação em estudos realizados a partir da gramática reflexiva.

Os professores de língua portuguesa, quando se limitam ao ensino de regras gramaticais e atividades meramente mecânicas, deixam em segundo plano o ensino do uso social da língua. É evidente discussões acerca do assunto. Para que o uso da língua, como atividade social, seja priorizado, o professor passa a refletir sobre suas práticas pedagógicas para que o aproveitamento das aulas seja movido pela interação. Há pou-

ca tentativa de desenvolver nos alunos o interesse nas aulas, deixando-os com a sensação de que não é interessante aprender o que supostamente já sabem: comunicar-se com outros falantes da língua materna. A reclamação da não diversidade didática é constante entre os aprendizes, o que não instiga a busca do conhecimento:

A consciência fonológica não é uma capacidade plenamente desenvolvida em todas as crianças. Sejam elas da pré-escola, ou mais velhas: em geral, encaram as palavras como unidades de significado e precisam ser orientadas, ao longo do processo de alfabetização, para perceber que as palavras têm uma dimensão sonora(...). (CARVALHO, 2005, p. 28)

Considerando a importância de se ensinar a língua padrão nas aulas de língua portuguesa, para o professor, é indispensável não esquecer o valor da variedade linguística trazida pelos aprendizes, pois o objetivo é construir a cidadania através da interação e não dar mais valor a uma determinada forma de linguagem. De acordo com Geraldí (2010),

Não se trata, portanto, de ‘aprender a língua padrão’ para ter acesso à cidadania. Trata-se de construir a linguagem da cidadania, não pelo esquecimento da “cultura elaborada”, mas pela reelaboração de uma cultura (inclusive a linguística) resultante do confronto dialógico entre diferentes posições. (GERALDI, 2010)

O relato de experiência a seguir tem a intenção de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem sobre o domínio da língua materna refletindo através do estudo contextualizado do conceito na construção do texto, o que podemos chamar de gramática reflexiva. Todavia esse tipo de gramática representa, durante o ensino, a busca da interação comunicativa construída através de atividades por meio da língua utilizando-a de forma consciente e contextualizada, trabalhando o texto como unidade de sentido. Segundo Geraldí (1993, p. 17)

Aprender a língua, seja na forma natural ou no convívio social, seja de forma sistemática em uma sala de aula, implica sobre reflexão sobre a linguagem, formulação de hipóteses e verificação do acerto ou não dessas hipóteses sobre a constituição e funcionamento da língua.

Considerando-se a precisão do compartilhamento de experiências desse processo, cabe ao professor levar práticas para a produção e o aperfeiçoamento em sala de aula, tais como: leituras, continuação de textos, variação de uso linguístico, as diferenças entre fala e escrita, ditados, trava-línguas, etc. Durante as aulas a aprendizagem pode ser trabalhada de forma lúdica, o que garante o interesse dos aprendizes. Evidencia-se a importância de tais atividades para que outras possibilidades sejam desenvolvidas, principalmente para aqueles alunos com maiores dificulda-

des de entendimento do conteúdo ou aqueles que não se interessam pela abordagem de ensino tradicional. De acordo com Cereja (2003),

O melhor caminho para a mudança do ensino de língua portuguesa na escola talvez seja o já escolhido por alguns estudiosos da linguagem que, em lugar da crítica radical e distanciada da realidade escolar, optaram por um diálogo entre professores e alunos, partindo de seus conhecimentos linguísticos teóricos e empíricos para saltos maiores. (CEREJA, 2003)

Com o objetivo de trabalhar o processo de formação de palavras por derivação, e assim aumentar o vocabulário, descobrir o significado, explorar a escrita, a aplicação em frase e o som das palavras, foi proposto aos alunos do 8º ano D do ensino fundamental, da Escola Estadual "Irene Gomes de Campos", em Várzea Grande – MT, trabalhar a atividade lúdica: “Soletrando” com base na leitura da crônica: "o soluço já foi solucionado?", do autor Mário Prata.

Acompanhando o livro didático dessa turma (*Língua Portuguesa*, 8º ano – Delmanto e Carvalho – 2ª edição – São Paulo: Saraiva, 2012) percebi que há vários textos interessantes, mas são em sua maioria fragmentados, o que deixa a desejar para o ensino da gramática contextualizada. Todavia desenvolvi uma sequência didática para ser trabalhada a partir da leitura integral da crônica que tive que buscar na internet já que esse texto também estava fragmentado no livro.

2. O ensino de gramática

Baseados nos livros didáticos, os professores têm trabalhado a pura gramática normativa fazendo com que seus alunos decorem as regras para tirar uma boa nota na prova. Classificar substantivos, separar sílabas ou até mesmo mudar o tempo verbal são atividades que o aluno deve ter a capacidade de ter na ponta da língua e do lápis, porém se perguntarmos aos aprendizes o porquê ele tem que aprender determinada regra de gramática, não saberão, portanto, dar uma resposta, além disso: “para aprender falar e escrever direito”.

Novas maneiras de se ensinar a gramática têm aparecido em livros, dissertações, relatos de experiências, cursos de formação, mas por qual motivo o professor de línguas ainda tem tanta resistência em proporcionar uma aula em que o aluno possa, por exemplo, saber a função do verbo analisando uma receita de bolo? Na verdade, é muito mais cômodo tanto para professores que ensinam através de atividades mecânicas quanto para os pais que olham o caderno dos filhos e elogiam a quan-

tidade de verbos que o aprendiz teve que conjugar durante às aulas, fazendo prevalecer a quantidade de folhas preenchidas no bimestre.

Grande parte dos professores considera que ensinar a gramática através de gêneros textuais é mais difícil, já que o aluno tem preguiça de ler, dificuldade de compreensão do texto e nenhum interesse em produzir. Já com relação ao livro didático, professores reclamam que não participam da adoção do livro que, geralmente, foi escolhido por outro professor e, nesse caso, são obrigados a trabalhar com livros que não os ajudam a contextualizar no processo desse ensino, muitas vezes o texto vem fragmentado, pois são partes que servem apenas para trabalhar a pura gramática normativa com muitas atividades repetitivas e quase nenhuma de criação e participação de produção por parte do aluno. Segundo Cereja (2003):

[...] se antes frases descontextualizadas serviam de objeto para a teoria e para os exercícios de análise gramatical, hoje, equivocadamente, apresentam-se textos, dos quais são retirados fragmentos para uma abordagem linguística que não vai além do horizonte da frase. (CEREJA, 2003)

Na busca de um ensino renovado nas aulas de língua portuguesa o ensino de gramática que amplia os conhecimentos da língua, bem como uma capacidade de trabalhar o aprendizado da linguagem não só no que diz respeito à gramática normativa, mas explorar o contexto do aluno através da interação que busca uma abordagem de forma discursiva é a intenção proposta pela gramática reflexiva. Cereja (2003) diz: “Defende-se, portanto, alteração na prioridade dada aos conteúdos, inclusão de novos conceitos, uma dimensão mais larga do objeto linguístico (em lugar da palavra e da frase, o texto e o discurso) [...]” (CEREJA, 2003, p. 3)

Para que as aulas não se limitem apenas em exercícios repetitivos, a gramática reflexiva tem a intenção de desenvolver meios dinâmicos na construção do discurso. É necessário ressaltar que o texto nessa gramática não deve ser entendido apenas como um suporte para a leitura e exemplo de teoria para atividades normativas, mas como unidade de discurso, de maneira que o aluno entenda e consiga fazer a construção do sentido do texto em que possibilite ao professor desenvolver no estudante a capacidade de criar sentido durante a leitura e poder produzir naquela situação de comunicação. Segundo Geraldi (2010),

Não se trata, portanto, de “aprender a língua padrão” para ter acesso à cidadania. Trata-se de construir a linguagem da cidadania, não pelo esquecimento da “cultura elaborada”, mas pela re-elaboração de uma cultura (inclusive a linguística) resultante do confronto dialógico entre diferentes posições. (GERALDI; 2010)

Estar aberto ao ensino da gramática reflexiva não significa dar menos valor ao que o estilo tradicional nos ensinou, no entanto devemos trabalhar o texto e o discurso para o desenvolvimento da expressão durante as práticas discursivas.

3. A gramática no texto

A busca de um trabalho de reflexão gramatical relacionado ao texto como unidade sentido é o que se espera que os professores trabalhem nas aulas de língua portuguesa, assim, os estudantes desenvolvem suas práticas discursivas a partir do enunciado. Geraldi (2010) acredita que “a grande contribuição do Círculo de Bakhtin aos estudos de linguagem tenha sido a radicalização do princípio da indeterminação relativa de todo e qualquer elemento do sistema linguístico”. E é com base no questionamento “como ensinar gramática através dos textos?” que nos é mostrado que “a compreensão de um texto resultava de um trabalho que demandava a intervenção didática e se constituiu como objeto de reflexão num considerável avanço na didática da língua moderna”.

A proposta abordada por Travaglia (2009) é trabalhar a gramática em uma ampla dimensão, em situação de interação comunicativa e não apenas em frases isoladas, tendo um "trabalho mais preocupado com o conhecimento sobre a língua". O que vai determinar esse ensino são as condições que forem mais pertinentes ao professor, sabendo dar o determinado limite nas atividades propostas ora de gramática normativa, ora de gramática reflexiva.

Ao falar sobre a gramática num processo de reflexão da língua, Geraldi (2010) afirma que o ensino da língua padrão “não é um processo pronto e acabado, fixo e mórbido, mas que deve ser trabalhado com movimento e vitalidade”. É inegável o valor da teoria, mas ensinar gramática, segundo Geraldi, “deve ser um processo reflexivo dos processos expressivos”, em que se possa aplicá-lo no meio social e não apenas na sala de aula através de normas e classificações decoradas. Geraldi (2010) ainda nos faz entender que o leitor/professor facilmente se convence de que ensinar língua materna ou outra língua é um processo que exige experiências através de constante atualização para o trabalho contextualizado que tanto é abordado por Bakhtin. E livre de preconceitos é que o aluno poderá desenvolver suas habilidades na construção do seu discurso.

Pensando na transformação das aulas e do cotidiano dos alunos o

professor de língua portuguesa é aquele que quebra os obstáculos da forma de se ensinar gramática, utilizando o texto e todo o contexto que cerca a história e a ideologia do estudante, sua correlação com a cultura letrada e o enfrentamento das distinções da comunidade. O questionamento de “como ensinar gramática de forma contextualizada?” possibilita ao professor reflexivo, abordado por Geraldi em seu livro “A aula como acontecimento”, ir avaliando sua trajetória, “desconstruindo” aquela verdade absoluta e abrindo o pensamento para as possibilidades do ser criativo, crítico e compreensivo que cada um traz dentro de si.

4. O desenvolvimento da atividade

4.1. Primeira aula

Foi apresentado o tema que seria trabalhado nas aulas seguintes, introduzindo que em qualquer língua é possível criar palavras a partir de outras que já existem, desta forma, podemos dar nome a toda novidade que surge. Contudo o processo de formação de palavras por derivação serve para enriquecer a nossa língua.

Foi feita a leitura da crônica: "O soluço já foi solucionado?" de Mário Prata. Foram feitas algumas perguntas sobre a leitura, sobre o uso das palavras soluço e solução que foram respondidas de forma oral e participativa.

4.2. Segunda aula

Separados em três grupos foram escolhidas algumas palavras do texto como soluço, solução, infalíveis, existiam, encher, bexigas, falha, etc. para que eles pudessem soletrar. Cada representante do grupo se levantava e todos em silêncio observavam a soletração do colega.

O papel da professora servia como mediadora o tempo todo, alertando-os sobre o significado das palavras, a forma de soletrar e as regras do jogo. De acordo com Garcez (2004, p. 27) “é preciso que o professor apresente propostas de escrita que ajudem a criança a enfrentar o desafio de escrever como acredita que é a escrita e a revelar o que pensa sobre o funcionamento da língua”.

O interesse dos alunos em escutar o colega soletrar possibilitou a preocupação com a forma de pronunciar e escrever as palavras correta-

mente. É interessante ressaltar que os alunos costumam ser competitivos e com vontade de ganhar soletraram com muita atenção para não cometer o erro. Para o aperfeiçoamento da atividade, no final, todos tiveram que copiar as palavras soletradas e seus significados no caderno.

4.3. Terceira e quarta aulas

Explicação sobre prefixos e sufixos utilizando as palavras soletradas da aula anterior como base: encher – enchente, soluço – soluçante – soluçar, falha – infalíveis – falhar. “Segundo Delmanto e Carvalho (2012, p. 79): “Prefixo é o elemento que se coloca no início de uma palavra para formar outra” e “Sufixo é o elemento que se coloca no final de uma palavra para a formação de outra”.

Continuação da explicação e também sobre o processo de derivação imprópria (quando a palavra muda de categoria gramatical: solução – soluço grande e solução – intervenção), parassíntese (acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo: in+falha+ível= infalível), derivação regressiva (quando a palavra surge da redução de outra: enche é redução de encher).

4.4. Quinta aula

Os alunos fizeram três atividades propostas no livro sobre interpretação do texto e buscaram no dicionário palavras criadas a partir do processo de formação por derivação. Escolheram também algumas palavras para que os colegas pudessem soletrar.

Com esta sequência de atividades, podemos identificar que há:

1. O enriquecimento do vocabulário da língua materna;
2. A exploração dos mais variados tons das palavras soletradas;
3. A pesquisa das formas gráficas corretas que corrige as grafias pseudofonéticas;
4. Consciência silábica;
5. Consciência fonêmica;
6. O processo de derivação na formação de palavras.

Sequência Didática

Título: O processo de formação de palavras por derivação a partir da atividade lúdica "Soletrando".

Tempo: 4 a 6 aulas

Objetivos:

Explorar a derivação das palavras a partir do Gênero Crônica;

Desenvolver no aluno o conhecimento a partir do processo de derivação na formação de palavras;

Enriquecer o vocabulário da língua materna;

Trabalhar a criatividade a partir da soletração;

Explorar as consciências silábica e fonêmica da língua.

Atividades:

Leitura da Crônica "O soluço já foi solucionado" de Mario Prata;

Análise da história, compreensão oral do vocabulário e enredo;

Explicação do gênero Crônica e suas características;

Atividade lúdica "Soletrando" a partir de palavras da crônica lida;

Explicação do processo de formação de palavras por derivação;

Exploração do dicionário a partir do vocabulário usado no texto e a partir da busca de palavras desconhecidas pelos alunos;

Repetição do "Soletrando", mas com palavras propostas pelos alunos.

Avaliação:

Realizar a avaliação a partir da participação de produção oral, compreensão da crônica lida e capacidade de exploração do dicionário, do vocabulário e significado das palavras formadas pelo processo de derivação.

Material:

Giz, quadro, fotocópia, dicionários.

Crônica trabalhada em sala:

O soluço já foi solucionado?

Você lembra quando São Paulo tinha garoa? Aquela chuvinha fina, que não chovia nem molhava? Nunca me explicaram muito bem porque não temos mais a garoa. São coisas do mundo que acontecem e a natureza não explica. A obturação, por exemplo. Sou do tempo que a "obturaçã caia". Era normal a obturação (que nome!) cair. Com o avanço da ciência odontológica, hoje isso é raro. Não caem mais nem a garoa nem, a obturação.

E o soluço? Já pensou no soluço? Há quanto tempo você não tem uma crise de soluço? Não sei por que, mas acho que hoje as pessoas não soluçam mais como se soluçava há uns anos atrás. Nem aquele soluço descrito pelo

mestre Aurélio como "fenômeno reflexo que consiste numa contração diafragmática involuntária, espasmódica, que produz o início de movimento inspiratório, o qual subitamente é detido pelo fechamento da glote, com a produção de ruído característico", nem mesmo aquele outro tipo de soluço, o "pranto entrecortado por inspiração ruidosa". O que se passa com o soluço? Obturaram o soluço? Faz tempo que não ouço um desagradável e interminável soluço no escurinho do cinema.

Soluçávamos mais, muito mais, antigamente. E para parar um soluço existiam fórmulas "infalíveis". Todo mundo conhecia um método, uma maneira de se acabar com ele. "Tem um jeito que não falha", sempre se adiantava um com para a solução. E a vítima do soluço era levada a malabarismos, a verdadeiros exercícios de aeróbica, às contrações faciais, a autotortura. Cada família tinha seu estilo, cada povo sua solução. Lembra?

– Tapar o nariz e a boca e ficar sem respirar o maior tempo possível. A pessoa ia ficando roxa, bochecha inchada, quase explodia e nem sempre o soluço passava.

– Encher bexigas de aniversário, uma atrás da outra, até passar o soluço. Também quase matava o soluçante.

– Beber um copo de água de uma só vez, com o nariz tapado. O coitado sempre engasgava.

– Tomar um copo de água com a cabeça voltada para baixo, mas colocando a borda do copo nos lábios superiores, de ponta-cabeça. Sempre molhada a sala toda e a cabeça do doente. E o soluço ria da cara da gente.

– Assoviar o hino nacional. Inteiro, num balada só.

– Levar um susto. Este era mais complicado porque a pessoa sabia que ia levar um susto de alguém a qualquer momento e ficava preparada. Não relaxava. Você tinha que distrair a vítima e, de repente, outra pessoa surgia e dava um susto no soluçado. Tinha gente que morria do coração e ainda soluçava no caixão.

– Andar de cabeça para baixo, no mínimo dez metros.

E mais milhares e milhares de soluções milagrosas.

Às vezes, o soluço passava. Mas voltava, desafiador, vinte ou trinta minutos depois. Era um tormento, o soluço.

Tinha garoto que inventava que estava com soluço para não comer, por exemplo. Ou até pra não fazer a lição de casa. Geralmente este soluço falso tornava-se real depois, para desespero da criançada. Um castigo. E tinha aqueles casos crônicos em que a pessoa passava o dia a soluçar. Aí os mais entendidos no assunto vaticinavam: se ficar soluçando dois dias, morre! Era terrível.

Naquele tempo, quando estávamos com soluço, pediam-se desculpas para as pessoas mais próximas. Por quê? Era feio ter soluço? Soluço era falta de educação? E soluçar ao telefone, então? Até explicar que se estava com soluço para o interlocutor...

Já o outro solução, o do pranto, podia-se e pode-se combater com mais facilidade. Um alisar de cabelos na amada, um beijo na criança e o soluço passa. "Tertuliano, abraçado ao cadáver, soluçava convulsivamente", escrevia Artur de Azevedo. Ou Inglês de Souza, em *Contos Amazonenses*: "um deixava naquela saudosa praia a mãe doente e entrevada, arrastada até ali para soluçar a última despedida ao filho que partia para a guerra". Bonito. E se o filho tivesse soluços na guerra? Onde estaria a mãezinha dele para salvá-lo?

Qual seria a solução? E aqui fica a última pergunta: solução é um soluço grande? Daqueles sem solução?

Autor: Mário Prata

5. Reflexão sobre a ação

As atividades descritas trazem uma reflexão sobre as diferentes formas de se ensinar gramática de maneira dinâmica e atraente aos alunos, isso é evidenciado quando a procura se inicia com o professor que buscará na escola o apoio necessário para tornar suas aulas significativas, aquelas em que o aluno saberá o porquê de se aprender determinado conteúdo, levando as experiências vividas no ambiente escolar para seu grupo social.

Quando vista de forma dinâmica a gramática se torna atrativa, ao invés de uma simples explicação do conteúdo, trabalhar com o lúdico torna as aulas mais interessantes e faz com que a sala de aula não seja mais um ambiente de descaso generalizado, mas um lugar em que há possibilidades de trocas de conhecimento e interação. A possibilidade que os alunos tiveram em poder, também, ficar a frente e direcionar as atividades, ajudar o colega do grupo, dividir o que sabiam com o outro, fizeram com que eles se sentissem capazes. Então, pode-se perceber que a partir do momento em que damos a oportunidade da expressão em sala, podemos, instantaneamente, ver o entusiasmo que tanto buscamos nos aprendizes o que possibilita ao "professor reflexivo" avaliar não apenas o resultado final, mas todo o processo proposto pela atividade.

6. Considerações finais

Na busca do melhor desempenho nas aulas de língua portuguesa, é relevante a preocupação dos professores com o modo que transmitem o conhecimento aos estudantes, se há algum protesto ou lamentação é sinal de que a forma didática de aplicação e avaliação deve ser reavaliada para

que a aquisição do conhecimento seja satisfatória em ambas as partes.

A sequência didática acima foi apresentada para que se tenham mais ideias de como utilizar a gramática reflexiva, favorecendo, desta forma, a aquisição da linguagem durante as produções dos alunos. Entendendo que as aulas de língua portuguesa devem ser muito mais que regras e normas, mas um exercício de competência comunicativa para ser aplicada no cotidiano do aprendiz. Ao criarmos novas práticas pedagógicas que integram o ensino de gramática à concepção de mundo existente na vida do estudante possibilitamos a interação entre língua e sociedade, assim ensinar a gramática reflexiva é poder dar sentido ao que se ensina e aprende no ambiente escolar.

Ao finalizar esse trabalho é visto que as atividades que se utilizam os diferentes discursos dos alunos trazem o interesse imediato pelas aulas, pois a produção se dá a partir da motivação do aprendiz nas suas diversas formas de produção, trazendo mais que a significação da linguagem, mas a possibilidade de levar o que se aprendeu para além dos muros da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé C. *Lutar com as palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.

CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2005.

CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. *Português: linguagens*. São Paulo: Saraiva, 2012.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, L. B. *Jornadas.port: língua portuguesa, 8º ano*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

GARCEZ, L. H. C. O que a criança já sabe. *Programa de apoio à leitura e à escrita: PRA LER – caderno de teoria e prática I*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. Departamento de Projetos Educacionais. Projetos Educacionais. Fundescola, /DPE/SEIFMEC, 2004.

GERALDI, de João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro e João, 2010.

NEVES, Maria Helena de M. *Gramática na escola*. São Paulo: Context-

to, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.